

A OBRA TIETA DO AGRESTE E A ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS¹

Maria do Carmo Lucena Martins
Universidade Federal da Paraíba-UFPB

Resumo

O presente artigo evidencia a relação entre a Literatura e a Ciência Geográfica. Neste são analisadas as alterações nas relações sociais e as transformações espaciais presentes na obra *Tieta do Agreste* escrita por Jorge Amado, na década de 1970. A obra é utilizada como forma de documento e uma representação do real, em que a relação entre o espaço geográfico e o espaço literário aparece como sinalizador da mudança espacial. Para a realização deste estudo foram efetuadas leituras, no sentido de enriquecer o conhecimento teórico acerca de trabalhos com Geografia e Literatura. A obra *Tieta do Agreste* permite observar aspectos geográficos, no que diz respeito às transformações socioespaciais tanto da localidade, como do cotidiano dos personagens/sujeitos. Os acontecimentos que ocorreram na cidade em um curto espaço de tempo, envolvem disputa por poder, interesses, mudança de posicionamentos, influências e conflitos que provocaram alterações nas relações sociais locais.

Palavras-chave: Transformações socioespaciais; Geografia; Literatura.

¹ Trabalho orientado pela Prof^a. Dr^a. Doralice Sátyro Maia, do Departamento de Geociências (DGEOC)/Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Abstract

The present work highlights the relationship between Literature and Geographical Sciences. This article analyzes changes in social relations and spatial transformations which can be observed in the work *Tieta do Agreste*, written by Jorge Amado in the 70s. Assuming the work as a representation of the reality, the relationship between the geographical space and the literary space appears as a sign of the spatial change. This work was elaborated on the basis of readings which enriched our theoretical knowledge as for the possibility of correlating Geography and Literature. The work *Tieta do Agreste* allows us to observe geographical aspects related to sociospatial transformations, both regarding the place and the everyday life of the characters/subjects. The events which developed in the city within a short time frame involve disputes over power, interests, change of attitude, influence and conflicts that modified local social relations.

Key words: sociospatial transformations, geography, literature

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta-se como trabalho de conclusão do Curso de Bacharelado em Geografia da Universidade Federal da Paraíba e tem como objetivo tecer considerações sobre as transformações socioespaciais vividas pelos sujeitos/personagens presentes na obra literária intitulada *Tieta do Agreste*, escrita por Jorge Amado², entre os anos de 1976 e 1977. Neste período o Brasil vivia o regime da Ditadura Militar³ e o autor, em algumas narrações, fala da escrita com prudência, não por virtude nem mérito, mas sim por uma necessidade vital. A linguagem da obra foi considerada obscena pela crítica literária, mas há que se considerar que o autor apenas reproduziu falas usadas no vocabulário popular.

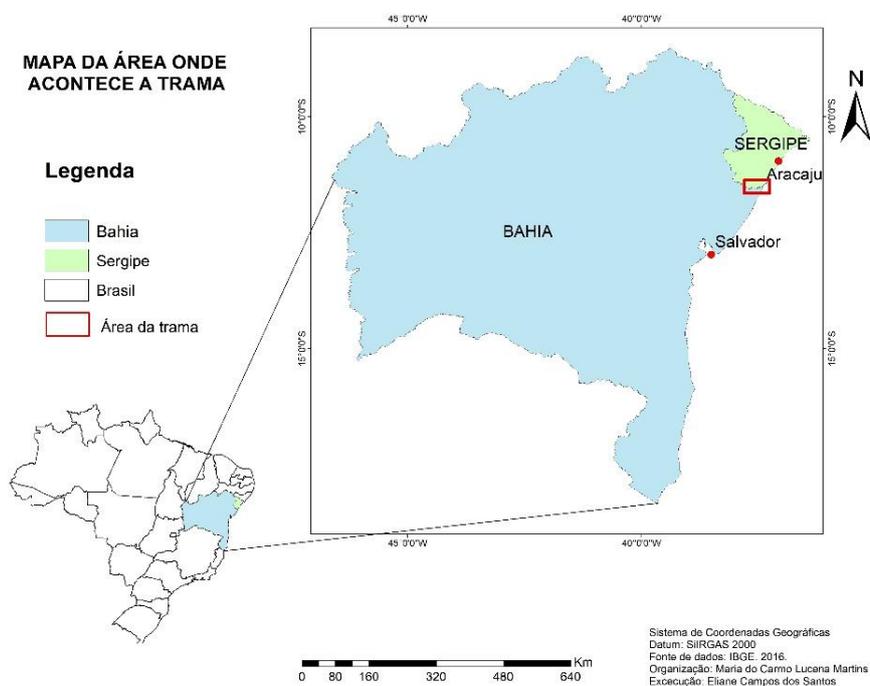
² Cidadão politicamente comprometido com ideias socialistas, foi preso duas vezes. Exilado, viveu em Buenos Aires, França e Praga. No período escolar foi um dos fundadores da Academia dos Rebeldes. Participou do movimento da frente popular da Aliança Nacional Libertadora. Membro da Academia Brasileira de Letras. Recebeu diversos títulos, sendo o último Doutor pela Sorbonne, na França. Foi casado com a também escritora Zélia Gattai. A casa onde morou em Salvador, na Bahia, hoje Casa do Rio Vermelho, foi transformada em museu em 2014.

³ Forma de governo cujos poderes políticos são controlados por militares que chegam ao poder através de um Golpe de Estado. No período entre 1964 e 1985 o Brasil presenciou a ausência dos princípios básicos da democracia, além da censura e perseguição política. Os direitos constitucionais foram violados e inúmeras pessoas que se posicionavam contra o regime foram torturadas e mortas.

Jorge Amado (1912-2001), baiano e amante do estado onde nasceu e morreu era grande conhecedor e observador dos problemas sociais, políticos e econômicos que envolvem a Bahia e dedicou grande parte de suas obras retratando esses problemas, dando voz ao povo, chamando a atenção dos poderes públicos e da população. As obras de Jorge Amado, além de chamar a atenção dos poderes públicos para os problemas sociais, têm cor, cheiro, sons e magias próprios da arte e das influências baianas, atingindo as pessoas, provocando sensações, pois são inspiradas, em sua maioria, nas experiências de vidas vividas. O autor usa a imaginação e a percepção para redimensionar as realidades, com a certeza de que perceber algo é ter consciência dele e, a partir disso, reconstruir o mundo e a relação do ser humano com esse mundo. Seus livros foram traduzidos para aproximadamente 50 idiomas, existindo, também, exemplares em braille e em formato de audiolivro.

A estória se passa na cidade fictícia Santana do Agreste, mas que se refere à cidade de Jandaíra (Mapa 01), Estado da Bahia, ao qual pertence à localidade de Mangue Seco, uma vila de pescadores, situada a aproximadamente 200 quilômetros de Salvador, capital da Bahia e 140 quilômetros de Aracaju, capital de Sergipe. Suas dunas estão na praia do Saco, na foz do Rio Real, divisa dos Estados Bahia e Sergipe.

MAPA 01 – Localização da cidade de Jandaíra (BA)



A Literatura exerce um fascínio para quem a pratica, levando o leitor a “viajar” pelas páginas dos livros, seguindo o roteiro apresentado pelo autor da obra. Incentivados desde a infância, as crianças têm oportunidade de iniciar suas viagens literárias através de diversas obras destinadas ao público infantil, aproveitando o acervo da biblioteca escolar, onde há o empréstimo de livros aos alunos, proporcionando um benefício. Com o exercício da Literatura torna-se possível identificar, à medida que se adquire conhecimentos, traços científicos numa determinada obra, a exemplo da Ciência Geográfica. Com o olhar geográfico, fomos descobrindo elementos presentes numa obra literária, que despertou o interesse para estudar a temática na conclusão do curso de Geografia.

As obras literárias dos autores baianos, como Jorge Amado, sofrem o “contágio” das influências daquele povo (festividade, dança, religiosidade, comidas e adereços). Mesmo pra quem não nasceu na Bahia, mas lá reside, torna-se natural ver e viver tudo aquilo. Aprende-se a respeitar e admirar personalidades baianas, principalmente os que amam, defendem e divulgam suas origens, tais como: artistas, políticos, intelectuais, educadores e as pessoas simples que representam aquele povo.

Diversos autores de obras literárias como: Graciliano Ramos, Euclides da Cunha, Aroldo de Azevedo, José Lins do Rego, Guimarães Rosa, o próprio Jorge Amado, entre tantos outros, tiveram suas obras estudadas no meio acadêmico, por aqueles que se propuseram a relacionar a Geografia com a Literatura, utilizando um olhar geográfico, contribuindo para a fundamentação das ciências geográficas.

Nesse sentido, a obra literária aqui trabalhada traz acontecimentos culturais e sociais sobre o momento histórico e o lugar bem como as alterações nas relações sociais vividas, isto é, nos aspectos particulares da vida cotidiana.

GEOGRAFIA E LITERATURA

Nos últimos vinte anos a discussão da relação Geografia-Literatura tem crescido envolvendo diversas abordagens incluindo elementos da arte que auxiliam na construção e interpretação do espaço geográfico, como a fotografia, o cinema, as artes plásticas, a música, entre outras. Este trabalho envolverá a Literatura acreditando no seu poder como uma forma de melhor compreensão do mundo, uma vez que trata das experiências vividas pelos personagens de uma determinada obra, retirando, das experiências narradas, sentidos para a Geografia. As narrativas de uma obra literária se destacam pelo seu rico acervo, apresentando-se como possibilidade de pesquisa para o geógrafo e revelando-se como fontes para a fundamentação científico-geográfica. Como escreve Nuñez (2010):

A literatura, como se vê, goza de uma autonomia sobre o mundo exterior que lhe faculta empreender não cópias ou reproduções da “realidade”, mas representações e interpretações do real, às custas de experiências imaginárias (NUÑEZ, 2010, p.79).

Através da Literatura podemos absorver o conhecimento sobre as características de uma determinada sociedade, sua história, seu modo de vida, a economia, o meio físico, ou seja, as relações socioespaciais e suas transformações.

Conforme Monbeig (1957), a relação entre a Geografia e a Literatura, entre o geógrafo/pesquisador e o escritor/autor, vem de longas datas. O viajante e explorador colonial era o antepassado do geógrafo e contava suas viagens, de forma descritiva, incluindo impressões da paisagem, hábitos e costumes. Pela aproximação da ciência geográfica com o dia a dia, o geógrafo foi o escritor, o narrador, o cartógrafo, aquele que estuda o real e o atual, a vida contemporânea e os fenômenos físicos. Acrescenta o autor: “A geografia se tornou cada vez menos literária ao passo que a literatura se tornava dia a dia mais geográfica” (MONBEIG, 1957, p.223).

Através da memória literária pode-se vislumbrar as manifestações culturais de um grupo social, os retratos dos lugares, os tempos e os espaços geográficos. A linguagem literária é geralmente recheada por metáforas que, por sua subjetividade, diferenciam da objetividade presente na narrativa histórica. Literatura e vida real, apesar de não serem a mesma coisa, estão relacionadas. Essa mistura de ficção com história leva o leitor a se perguntar se o que está lendo é imaginação do autor ou se aquilo realmente aconteceu (SILVA; SILVA, 2010).

Le Goff (2003) destaca a literatura como fonte documental de representação do real e chama a atenção para a importância desse entendimento, ou seja, da literatura como documento de apoio fundamental, que serve de base para pesquisas nos estudos das ciências, principalmente das ciências humanas.

A Literatura, com seus enredos, imagens, personagens e mundo criados pelo autor, são tornados reais. O diálogo entre Geografia e Literatura busca na Literatura traços da experiência geográfica do mundo. Ainda no final do século XIX e início do século XX, momento em que a Geografia estava se institucionalizando como ciência, a utilização da Literatura esteve direcionada como fonte de testemunho ou complemento das análises regionais. Os geógrafos do início do século XX utilizaram os romances como fonte de investigação científica. Em virtude do rico arsenal

cultural existente nos gêneros literários, esses geógrafos se esforçaram em reconhecer a preciosidade dessas fontes, considerando, entre outras razões, como uma interpretação do espaço geográfico. No Brasil, o campo disciplinar Geografia e Literatura cresce a partir da década de 1990, em virtude do desenvolvimento da Geografia Cultural (FERNANDES, 2012).

Diferentemente de uma obra da ficção, o autor de uma obra literária, como pesquisador, parte da realidade, daquilo que ele apenas vê, para construir sua obra de ficção e cria uma nova realidade, isto é, o autor/romancista, parte da interpretação do real utilizando uma narrativa em que faz uso de suas experiências imaginárias.

O estudo interdisciplinar entre Literatura e Geografia, numa relação entre o espaço geográfico e espaço literário, contribui para a compreensão das transformações sociais e espaciais em um dado momento histórico, como também permite entender, através das relações sociais dos personagens, a própria organização social, econômica e política. A Literatura, através dos enredos, imagens, personagens e mundos criados e imaginados pelo autor, torna esses elementos reais e provoca interesse entre os estudiosos da Geografia como verdade e da Literatura como beleza. A imaginação redimensiona a realidade, amplia nossa experiência do mundo, reconstrói e relação e a percepção do homem com esse mundo. Essa percepção traz uma nova análise espacial ao utilizarmos o olhar geográfico para descobrir traços da ciência numa determinada obra literária.

ANÁLISE DA OBRA

Antes de iniciar a nossa discussão acerca da obra chamamos a atenção para a importância do papel do escritor, que, como criador ficcionista revela-se importante quando o mesmo capta as imagens do lugar vivido e transfere suas impressões para a narrativa. As tramas e espaços discutidos num romance se constituem em uma fonte rica para um olhar geográfico. A obra literária de Jorge Amado é conhecida internacionalmente através de diversas adaptações para o cinema, televisão e teatro, chamando a atenção para os problemas e evidenciando os lugares citados (SILVA; SILVA, 2010).

A obra *Tieta do Agreste* trata da estória de uma jovem que ajudava seu pai no pastoreio de cabras e muito cedo despertou para o sexo ao presenciar cenas naturais do campo, como as investidas do bode “Inácio” com as cabras, até que foi expulsa de sua cidade pelo seu pai, depois que o mesmo descobriu que a filha estava “se deitando” com diversos parceiros locais e caixeiros viajantes, desrespeitando os padrões de comportamento exigidos, principalmente pelas famílias das pequenas cidades do Nordeste, onde fica mais evidente o patriarcado. Além do personagem principal, *Tieta*

(Antonieta Esteves), a família dela compõe-se do pai (Zé Esteves), as irmãs (Perpétua e Elisa), os sobrinhos (Ricardo e Peto) e o cunhado (Astério).

Destacamos, também, o papel da personagem Carmosina, uma “solteirona”, amiga de infância e confidente de Tieta. Responsável pela agência dos Correios – por vinte e três anos - e de toda a correspondência local, é também conhecedora da vida da população e suas opiniões são de grande importância para os moradores e autoridades locais. Carmosina lê os jornais antes de entregá-los – às vezes as cartas também, pois tinha a técnica de abri-las sem deixar vestígio - e por isso entende de cinema, política, ciência e da “vida alheia”.

Outros personagens centrais: o “Prefeito” (Artur da Tapitanga), um coronel, criador de cabras e plantador de mandioca, que vive na fazenda e só aparece na cidade de vez em quando. O mesmo colocou seu afilhado (Ascânio Trindade), no posto de Secretário, para ficar no Gabinete da Prefeitura cuidando dos assuntos locais. O Comandante Dário, homem vistoso, que pertenceu à Marinha de Guerra, e trocou a farda por shorts e camisetas e agora comanda “mar e vento” em Mangue Seco. O poeta Barbozinha, eterno apaixonado por Tieta, autor de três livros de poesia e um de filosofia. O Padre (Mariano) que exercia o poder religioso com forte influência sobre as beatas. Jairo, influente por ser dono do único transporte terrestre da cidade, uma marinete⁴, datada da Segunda Guerra Mundial e faz a viagem de Santana do Agreste para Esplanada às segundas, quartas e sextas e regressa às terças, quintas e sábados. São três horas de viagem desenvolvendo dezesseis quilômetros por hora. Ainda há Bafo de Bode - um bêbado que vive perambulando e sabe tudo o que se passa na calada da noite.

O velho Zé Esteves, assumindo sua autoridade de pai, atingiu com o seu bordão, o rosto, as pernas e deixaram as marcas roxas pelo corpo de Tieta. “Rapariga é o que ela é[...]dá para Deus e o mundo[...]” (AMADO, 1977, p.48). era o que todos comentavam na cidade. Após a surra do pai e a expulsão da cidade, Tieta passou a peregrinar por diversos prostíbulos até chegar ao Sudeste do País. Em São Paulo tornou-se dona de seu próprio prostíbulo após envolver-se com um “cliente”, de quem tornou-se exclusiva e protegida.

A volta dessa mulher à terra natal, vinte e cinco anos depois, se deu na marinete de Jairo, o que mostra que nenhuma alteração tinha acontecido ali desde então, na questão da mobilidade. Tieta, agora Antonieta Esteves Cantarelli, “viúva” de um rico industrial paulista, Comendador Felipe Cantarelli, uma mulher atraente de quarenta e quatro

⁴ Transporte de passageiro, tipo ônibus, utilizado até meados dos anos de 1960 no norte e nordeste do Brasil.

anos, rica e poderosa, mantenedora da família - sem guardar rancor. A novidade da volta da ilustre filha de Santana do Agreste coincide com a notícia da instalação, naquela pequena cidade, de uma fábrica de dióxido de titânio⁵. Tieta trouxe consigo uma “enteada”, Leonora Cantarelli, jovem bonita, com ares de timidez, que logo despertou a paixão de Ascânio Trindade.

As notícias que chegavam à cidade através de jornais – A Tarde, de Salvador e Folha de São Paulo - depois de alguns dias de sua publicação, cujo assinante era o Coronel Artur da Tapitanga, porém quem os lia era Dona Carmosina - eram de que uma fábrica seria montada no Nordeste e essa seria a indústria mais poluidora que se tinha notícia. Os jornais falavam que apenas seis fábricas existiam no mundo e nenhuma na América e que uma fábrica desse mesmo produto, rendeu condenação de diretores por crime de poluição, na Itália, em 1965. Isso reforça que na década de 1970, quando a obra foi escrita, havia registro da discussão ambiental e era algo notável nas falas dos personagens: “Muito bem feito! Cadeia com eles”, falou Carmosina. O Comandante Dário, defensor da natureza completou: “Esses tipos deviam estar na cadeia, são assassinos da humanidade” (AMADO, 1977, p.41).

Os moradores da pequena Santana do Agreste orgulhavam-se do que havia de melhor: a qualidade da água, a fama do clima, a beleza da paisagem, a convivência com os amigos. Acreditava-se que um dia essas qualidades atrairiam turistas à procura de paz e natureza, transformando a cidade em um polo turístico. Por outro lado, o que incomodava aquele povo era o atraso, a pobreza, o marasmo, problemas que expulsavam da cidade aqueles que tinham ambições e projetos de crescimento pessoal, os jovens em sua maioria.

A contradição se mostrava presente nas diversas opiniões. Mesmo aqueles que sabiam dos riscos que a instalação da fábrica podia trazer, vislumbravam as possibilidades de desenvolvimento econômico daquela localidade. O prefeito em exercício Ascânio era um deles, desconsiderava esse dado por haver outros interesses:

Depois de aprovado o projeto, teremos o privilégio de enxergar o progresso, com nossos

⁵ O titânio metálico não é encontrado livre na natureza, porém está presente na maioria das rochas ígneas e sedimentares. No Brasil o maior consumo de titânio é destinado à fabricação de tintas, esmaltes, vernizes, pasta de dente, indústria de pisos e revestimentos e também uso artístico. A produção de dióxido de titânio teve início no Brasil em 1971 com a inauguração da fábrica Tibrás, a 20 km de Salvador-Bahia. A matéria-prima era vinda da Austrália, mas a partir de 1975 foi descoberta uma jazida em Mataraca-Paraíba, a 125 km de João Pessoa (MME, 2010).

olhos que a terra há de comer, que chegará com estradas de mão única, motéis, piscinas, moças de túnicas transparentes, polícia de segurança (AMADO, 1977 p.16).

São vários os aspectos relacionados ao conhecimento geográfico abordados na obra. Além dos já citados, há o problema da migração onde os jovens, carentes de oportunidades de crescimento pessoal e profissional, deixavam a cidade – geralmente para as capitais da Bahia e de Sergipe, já que a pequena Santana do Agreste situa-se na divisa desses dois estados. Há também a precária forma de mobilidade, uma vez que a cidade conta com uma rodovia – não pavimentada - uma ferrovia e um ancoradouro, contando apenas com uma marinete que faz o transporte de passageiros e correspondências, apenas em três dias da semana.

O autor traz à discussão alguns aspectos de ordem econômica como a dependência financeira. Tieta, como muitas pessoas do Norte e Nordeste que procuravam e ainda procuram os centros econômicos do Sudeste em busca de melhores condições, conhecem as dificuldades encontradas pelas famílias e sempre que podem enviam ajuda. Há algum tempo mantinha financeiramente sua família. Havia mais de dez anos – onze anos e sete meses - que chegava, mensalmente, através dos Correios, um envelope com um cheque, quantia destinada aos familiares e quando havia um pedido extra, esse era atendido. Também chegavam pacotes de roupas usadas, vestidos elegantes de Tieta e das “enteadas”, além de presentes de Natal e de aniversário. Havia pedidos de sua irmã Perpétua, atendidos prontamente, de equipamentos e imagens para a Igreja e o Padre Mariano retribuía com missas e orações para Tieta e sua família. O endereço da remetente era uma Caixa Postal em São Paulo, Capital. A imagem da filha, irmã, cunhada e tia e os problemas que levaram à expulsão, após uma surra do pai, foi esquecida. Agora, para o povo de Santana do Agreste, era uma respeitada senhora empresária em São Paulo, “casada” com um homem rico.

O cheque sempre chegava no início do mês, nunca ultrapassando a primeira dezena. O desespero da família era grande porque já estava próximo ao final do mês e o mesmo não havia chegado e todos da família dependiam daquele cheque mensal. Rezas, choros, dores no estômago, água benta. O que teria acontecido? Estaria Tieta morta? Alguns dias depois chega um telegrama que havia morte sim, mas não de Tieta. Quem havia morrido era o seu “marido” e ela estaria em breve voltando à sua terra natal para visitar sua família. A cidade borbulhava de notícias. Além da volta de Tieta, agora viúva de um empresário, veio a confirmação de que a fábrica de dióxido de titânio iria ser instalada em Santana do Agreste, acompanhada da promessa do “progresso” e do “desenvolvimento” econômico que resolveria as questões do atraso e do desemprego.

Como acontece até os dias de hoje em todo o planeta⁶, a decisão sobre a escolha do local para instalação da fábrica foi tomada bem longe dali. O processo que decidiria a instalação de uma fábrica altamente poluente no Nordeste brasileiro, região periférica do país, como aparece em vários estudos sobre a região - uma vez que sua implantação no Sul e Sudeste foi recusada - foi tomada a quilômetros dali. O que justifica uma cidade com infraestrutura precária, onde a energia utilizada é a motor, a única estrada não é pavimentada, há apenas duas escolas e os cofres da Prefeitura estão sempre vazios, ser “escolhida” para receber a instalação de uma indústria? O autor relata a negociação, em um bordel, regada a sexo, propinas e corrupção – temática presente naquele momento, mas que permanece atualmente – entre um parlamentar, um juiz e um empresário. A modificação do espaço geográfico alterada pelas relações sociais e suas consequências através da modificação da paisagem e agressões ao meio ambiente, geralmente é fruto de uma ação política e econômica. A obra relata um momento histórico, mais as práticas se fazem presentes no cenário atual da política nacional.

Jorge Amado documentou problemas reais da notícia da instalação de uma fábrica e as alterações provocadas na vida e nos costumes dos moradores de uma localidade e pessoas simples, onde começa a haver disputas que envolvem os poderes públicos, políticos, religiosos, familiares e até sexuais. A força do poder de Tieta é mostrada quando o prefeito em exercício (Ascânio) volta de uma viagem a Paulo Afonso, cabisbaixo, depois de nem sequer ter sido recebido pelo diretor da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco-CHESF, a quem iria formalizar o pedido para instalação da energia elétrica em Santana do Agreste. Bastaram dois telegramas para políticos de São Paulo - certamente frequentadores de seu bordel - assinados por “Tieta do Agreste”, como era conhecida na capital paulista, para que chegasse a notícia que Santana do Agreste fora incluída, para surpresa de alguns técnicos e dirigentes, na relação de municípios a serem beneficiados com luz - ordem da presidência da Companhia.

O engenheiro, vencido, escondeu o desconhecimento: o nome lhe soava, disse, com o mesmo acento dos Matarazzo, dos Crespi, dos Filizzola. Ergueu o copo de cerveja, em respeitoso brinde à senhora Cantarelli. O povo, agradecido, ainda no espanto da dádiva inesperada, ao referir-se à nova iluminação não a designava “Luz de

⁶ Assunto comentado por Anieres Barbosa da Silva, Prof. Dr. do Departamento de Geociências (DGEOC)/Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), durante aula de Pesquisa Geográfica, referindo-se a assuntos recentes ocorridos no Governo Trump, nos Estados Unidos, quando da liberação de obras atravessando um território indígena.

Paulo Afonso” ou Luz da Hidrelétrica”. Para a gente de Santana do Agreste era a “Luz de Tieta” (AMADO, 1977 p.211)

A obra de Jorge Amado referida na pesquisa, apesar de focar a figura feminina de Tieta, com seu romantismo sensual, destaca também a figura masculina do pai que representava o chefe, o dono, e todos deveriam obedecer. Traz a discussão dos problemas sociais, ambientais, religiosos e familiares, que a instalação da fábrica provocaria, por trás de um discurso ilusório da transformação econômica advinda com o progresso que a fábrica atrairia. As promessas eram de que dali em diante a fábrica cuidaria de instalar outros equipamentos como hotéis, estrada asfaltada e até arranha-céus.

A chama do poder foi acesa, despertando reações e ambições desconhecidas até então pelos próprios sujeitos envolvidos. Começaram as discussões e as divisões de opiniões dos moradores influentes da cidade. O palco principal, como sempre, a agência dos Correios - o mais importante centro cultural de Santana do Agreste. Carmosina era contra a instalação e procurava informações para convencer seus seguidores, agora fazendo parte das discussões a ilustre filha, Tieta. Outro local, o único bar da cidade, Bar dos Açores, de seu Manoel Português, foi utilizado para discussões entre aqueles que eram a favor da fábrica – incluindo o prefeito em exercício que sonhava com o progresso de Santana do Agreste. Assim formalizou-se a divisão.

Se a fabricação de dióxido de titânio faz economizar divisas aos cofres da nação e cria mercado de trabalho para uns quinhentos chefes de família – quinhentos vezes cinco são duas mil e quinhentas pessoas vivendo da empresa -, como acusar de falta de patriotismo quem em tal indústria coloca seu dinheiro e aqueles a apoiar suas pretensões? (AMADO, 1977, p.117).

Não faltam igualmente razões aos que se opõem, pois na fumaça, nos gases expelidos, no dióxido de enxofre pairam, a destruição e a morte. Morte para a flora e para a fauna, morte para as águas e para as terras. Pequeno ou grande, é o preço a pagar (AMADO, 1977, p.117).

Nesse sentido, surgiram assuntos jamais discutidos na cidade: o poder do Capital, o dinheiro. Tieta veio com o intuito de adquirir uma casa na cidade e um terreno na praia para construir uma casa de veraneio, “Curral do Bode Inácio”, homenagem ao bode que a inspirou

profissionalmente, quando ela era “Pastora de Cabras”. Sua ideia era voltar a morar ali, desfrutar daquela tranquilidade – agora ameaçada pela fábrica - daqui a mais alguns anos. O sentimento de pertencimento ao lugar é mostrado com nitidez, pela personagem, nessa passagem. Lugar, categoria geográfica que podemos apreender na leitura de Tuan (1982):

O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar. O que é lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria (TUAN, 1983 p.3).

Tieta precisava da liberdade, vivia essa liberdade desde os tempos da juventude, mas estava muito ligada à segurança da sua cidade, da sua família, do seu lugar.

O terreno para a instalação da fábrica, na praia, estava sendo observado pelos responsáveis, que começaram a visitar a cidade com certa frequência. No cenário criado pelos representantes da fábrica, os funcionários, aqueles de cargos mais altos, também iriam precisar de casas para se instalar na cidade. Era necessário criar ou melhorar os pontos comerciais. Os poucos proprietários dos terrenos na praia e casas na cidade começaram a imaginar a valorização de seus imóveis.

A cidade teve seu primeiro contato com o “progresso” alguns dias antes do Natal, com a chegada de uma máquina desconhecida pela maioria da população: um helicóptero. Reboiço na cidade. O “doutor”, na verdade um “testa-de-ferro” dos verdadeiros patrões responsáveis pela instalação da fábrica trouxe a figura de Papai Noel com os brindes de Natal para as crianças pobres. Trazia também a notícia de que, apesar de regiões mais ricas e bem servidas de infraestrutura estarem empenhadas na disputa pela instalação da indústria, os empresários “preferiram” aquela localidade, de incomparável beleza e de pessoas gentis. O “doutor” explicou ao secretário da Prefeitura, Ascânio que o objetivo da empresa é “Servir. Servir à Pátria”. Nas sacolas de papel que continham os presentes estava uma estampa de Jesus e um letreiro: “Deixai vir a mim as criancinhas. Oferta da Brastânio - Indústria Brasileira de Titânio S.A., uma empresa a serviço do Brasil”. Ascânio, que desejava o progresso a todo custo, ia fortalecendo sua adesão e apoio à instalação da fábrica.

O discurso proferido por aqueles que defendiam a instalação da fábrica divergia das ações. Na verdade as regiões mais ricas do país – Sul e Sudeste – se negaram a recebê-la, empurrando-a para a região Nordeste como forma de solução para livrarem-se dos problemas que a fábrica causaria. O personagem Ascânio, prefeito em exercício, aprova a implantação da fábrica vislumbrando os prováveis efeitos positivos como

soluções para os problemas de Santana do Agreste e acreditando nos relatórios técnicos que dizem: “Nenhum perigo de poluição. Perigo nenhum. Os baianos podem dormir descansados, o governo está vigilante e não permitirá ameaças às terras, às águas e ao ar, nos limites da Bahia” (AMADO, 1977, p.346).

Observa-se a divergência de posicionamentos, no que diz respeito àqueles que eram contrários à fábrica, destacamos:

“Loucura rotulada de progresso ameaçando a vida sobre a Terra” (Comandante Dário).

“Não se trata de uma indústria qualquer. É produção de dióxido de titânio. Uma fábrica no coqueiral não atinge somente a praia, mas envenena as águas e o ar, transformando o oceano numa lata de lixo” (Coronel Artur da Tapitanga).

Talvez o poeta Barbozinha não conhecesse as letras do compositor Caetano Veloso. Se assim fosse, ele provavelmente utilizaria algumas frases da letra da música “Sampa” em seus escritos sobre a fábrica de dióxido de titânio em Santana do Agreste, por exemplo: “A força da grana que destrói coisas belas” ou, ao referir-se à poluição falaria: “da feia fumaça que sobe apagando as estrelas”.

Santana do Agreste viveu momentos extremos de alegrias e tristezas num pequeno período de tempo, menos de dois meses. A notícia que a fábrica não seria instalada naquela cidade e sim na praia de Arembepe, próxima a Salvador, coincidiu com a descoberta que a filha ilustre, Tieta, era dona de um bordel de luxo em São Paulo, jamais havia sido casada com Felipe Cantarelli e Leonora, além de não ter o sobrenome Cantarelli, portanto não era sua enteada, era uma das raparigas do bordel de Tieta.

As divergências de posicionamentos e do jogo de interesses aflorados no contexto de instalação da fábrica ocasionaram um verdadeiro reboiço. Vale destacar que a fábrica nem mesmo chegou a ser implantada. A decepção tomou conta daqueles que defendiam a vinda da fábrica. O estrago nas relações foi devastador e marcado por brigas, discussões, intrigas e divisões. Não haveria mais fábrica nem a ilustre filha voltaria a morar ali. As conversas informais na agência dos Correios que eram corriqueiras antes do projeto da fábrica e as discussões ferrenhas sob a administração de Carmosina sobre a instalação perderam o sentido.

Não havia mais clima para Tieta permanecer em Santana do Agreste. Além do segredo desvendado, a família descobriu que durante a construção da casa de praia ela havia iniciado sexualmente o sobrinho Ricardo, seminarista e futuro padre. Ter um filho padre era o sonho e motivo de orgulho para sua mãe, a beata Perpétua e para o Padre Mariano. Perpétua ainda tentou uma indenização financeira da parte de Tieta por ter desvirtuado seu filho.

Tieta voltou para São Paulo, saindo de Santana do Agreste na mesma marinete de Jairo, aquela que a levou certa vez e a trouxe para visitar a família. Levou Leonora consigo e também uma jovem muito bonita da cidade, a quem visualizou ter dotes especiais para trabalhar em seu prostíbulo. Dessa vez levou o bordão do velho pai, como herança e recordação. Zé Esteves havia morrido dias antes de ser tornada pública a mentira sobre a vida de Tieta.

A inauguração da luz da Usina de Paulo Afonso aconteceu com festa. A rua que se chamava “antigo Caminho da Lama”, na entrada da cidade recebeu uma placa azul com o nome do Diretor-Presidente da Hidrelétrica do São Francisco. A placa sumiu durante a noite. Surgiu outra de madeira, feita de forma artesanal e anônima. “Mão do povo: RUA DA LUZ DE TIETA (AMADO, 1977, p.590)”.

O povo de Santana do Agreste soube reconhecer, através dessa placa, o benefício que a luz elétrica trouxe para a cidade. Foi através da influência de sua filha ilustre – não importando que tipo de influência - que a cidade deixou de depender da luz gerada por um motor que tinha hora pra ligar e hora pra desligar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da Literatura podemos absorver o conhecimento sobre as características de uma determinada sociedade, sua história, seu modo de vida, a economia, o meio físico, enfim, as relações socioespaciais e suas transformações.

Diversos autores de obras literárias como: Graciliano Ramos, Euclides da Cunha, Aroldo de Azevedo, José Lins do Rego, Guimarães Rosa, o próprio Jorge Amado, entre tantos outros, tiveram suas obras estudadas no meio acadêmico, por aqueles que se propuseram a relacionar a Geografia com a Literatura, utilizando um olhar geográfico, contribuindo para o conhecimento geográfico.

Nesse sentido, a obra literária aqui trabalhada traz acontecimentos culturais e sociais sobre o momento histórico e o lugar bem

como as alterações nas relações sociais vividas, isto é, nos aspectos particulares da vida cotidiana.

Nossa discussão enfatiza as transformações sociais e espaciais como a principal característica geográfica observada na obra *Tieta do Agreste* e reforça a importância do estudo geográfico a partir de uma obra literária.

Apesar de analisarmos fatos particulares da vida cotidiana e dos conflitos sociais presentes na obra, esses não estão desconectados das transformações no espaço geográfico. As modificações nas relações sociais locais que a provável instalação de uma fábrica pode ocasionar, numa cidade pequena, pacata, onde há uma vila de pescadores, nos permitiu evidenciar a relação posta entre o espaço geográfico e o espaço literário.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Tieta do Agreste, pastora de cabras ou A volta da filha pródiga, melodramático folhetim em cinco sensacionais e empolgantes episódios: emoção e suspense!** 2ª Ed. Rio de Janeiro-RJ: Editora Record, 1977.

FERNANDES, Marcos Aurélio. **A relação cidade - campo no romance o Moleque Ricardo de José Lins do Rego.** Dissertação (Mestre em Geografia) – UFPB, João Pessoa-PB, 2012.

MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA – MME. **Relatório Técnico 36.** Fevereiro de 2010. Disponível em: <http://www.mme.gov.br/documents/1138775/1256650/P16_RT36Perfil_d_o_Titxnio.pdf/90cfddec-0e1b-44bf-a01d-9e781507baeb>. Acesso em: 15 de agosto de 2016.

MONBEIG, Pierre. **Ensaio de Geografia Humana Brasileira.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1957.

NUÑEZ, Carlinda Fragale Pate. Uma Odisseia no espaço: a Geografia na Literatura. In: ROSEMDAHL, Zeny; CÔRREA, Roberto Lobato. **Temas e caminhos da geografia cultural.** Rio de Janeiro: EDUE, 2010, p.73-111.

SILVA, Maria Auxiliadora da.; SILVA, Harlan Rodrigo Ferreira da. (Org.). **Geografia, literatura e arte: reflexões.** Salvador: EDUFBA, 2010. 198 p.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: DIFEL, 1983.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. 5ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/trump-da-sinal-verde-para-construcao-de-oleodutos.ghtml>>. Acesso realizado no dia 18 de abril de 2017.

Disponível em: <<http://www.jorgeamado-org.br>>. Acesso realizado no dia 05 de junho de 2017.